

# Um condomínio chamado Vila Mimosa

*Sexo, comércio e preconceito*

FABÍOLA LEONI, LUIS PAULO FRAGA, RAFAEL NAGIB E VÍCTOR BARROCO

VÍCTOR BARROCO



e manhã, um condomínio como outro qualquer. A paz das vilas, residentes trocando produtos, fofocas e vivências, além da inocência de um futebol de rua e de degustações nos diversos bares ao redor. Existe, inclusive, uma associação de moradores. Escurece. Reflete-se então o mais antigo reduto de prostituição e ainda um dos mais emblemáticos do país, a Vila Mimosa. Surge a clientela: homens de terno, homens de chinelos, mulheres com amigas e sem amigas; até mesmo uma garotada que se junta apenas para tomar cerveja. Os becos tornam-se ainda mais densos, com um “quê” de proibição. Meninas, mulheres e até senhoras arriscam-se nas vilas, em busca de um trocado. Muitas ainda com o sonho de uma vida melhor.



*A perda da inocência por um trocado, esta é a história de muitas mulheres na Vila Mimosa.*

Apesar do trabalho com as profissionais do sexo funcionar 24 horas por dia, a noite definiu o estereótipo do local. A Vila Mimosa é formada por quatro galpões com diversos prostíbulos travestidos de bares ou boates que, além de sexo, vendem bebidas baratas. Os quartos são sujos e bem pequenos. As mulheres que ali trabalham têm entre 18 e 50 anos, sem carteira assinada. O preço varia e pode-se encontrar garotas que cobram apenas R\$ 20,00 por período de 20 minutos. Durante todo o tempo, elas rondam as ruas e becos. Algumas trabalham somente durante o horário comercial, porque são casadas.

Cerca de 1.500 garotas trabalham no local de dia e de noite. Há ainda na região uma capela, oficinas

mecânicas, a garagem de uma empresa de ônibus, um posto de saúde e prédios residenciais.

Presidente da AMOCAVIM (Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa) há 11 anos, Dona Graça, que preferiu não dizer o nome completo, tem 53 anos, desconfia de muita gente e é proprietária de um dos 70 bares existentes no local. A história dela com o lugar começou há cerca de 30 anos, quando a Vila ainda era onde hoje fica a sede da Prefeitura, no Estácio – local popularmente conhecido como “Piranhão”, por ter antes abrigado as profissionais da Vila Mimosa.

Ela conta que a Vila tem alguns projetos em andamento com o Ministério da Cultura, como o “Dama das Camélias”, que consiste em aulas de português e matemática para as meninas que lá trabalham. Outro é a construção de uma sede da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro). Dona Graça diz que o local é legalizado e conta com ata e estatuto há mais de 10 anos.

Salto alto, pés calejados, um cigarro na mão e uma marca roxa na perna esquerda. Suzana (os nomes foram trocados para preservar a privacidade dos entrevistados) mostra-se satisfeita e objetiva ao tráfegar entre os visitantes do local. Morando com colegas de trabalho, a jovem de 21 anos veio do Espírito Santo. “A vida aqui é dura, mas não tem mesmo outro jeito. Uns dias, a coisa tá boa. Você já entende quem vem procurando. Tem dias que é tudo ruim. Não sou muito feliz, mas pra mim tá bom”, suspira.

Já Verônica, 29 anos, virou chefe de um grupo de meninas, além de também ser prostituta. Ela convidou a equipe de repórteres para conhecer o bar do qual é proprietária. O local tem dois andares, com quatro ou cinco quartos apertados e abafados. Ao entrar, a chefe grita: “Tranquem a porta que a reportagem está subindo”. Meninas tomavam banho juntas na hora. “Aqui é um lugar de passagem. Sonho em fazer faculdade de Direito. O mais difícil para mim é agüentar o preconceito da família”, desabafa Verônica. “Prostituta é a profissão mais antiga do mundo e nós não temos nenhum direito trabalhista. Isso tiraria a gente da clandestinidade e ajudaria a diminuir o preconceito”, conclui.

Danilo Moura, de 25 anos, conta que já foi ao local com amigos apenas para conhecer. “Chegando lá, sentamos em um barzinho e começamos a beber. Lógico que lá pelas tantas você acaba mexendo com as prostitutas, mas só de *zoação* mesmo. Elas andam de



calcinha por todos os lugares. O lugar é freqüentado por pessoas de todas as classes sociais, todas as idades. Você vê de tudo, literalmente tudo. Você vê que aquilo é o fundo do poço da sociedade, tem um clima pesado demais, é horrível”, diz o jovem.

A presidente da AMOCAVIM, afirma que os freqüentadores também vêm de lugares distantes, fora do município do Rio. Apesar do grande número de pessoas nos fins de semana, Graça reclama que o comércio por ali anda em baixa. “Aqui é um comércio também, né? Vendem de tudo: bebida, roupa e não só a prostituição. Tem muita menina que vende artesanato, que faz outras coisas. Mas a situação está ruim para todo mundo”, analisa.

Ela relata ainda que a relação com os moradores da região é tranqüila, embora, no passado, não tenha sido muito amigável.

“O pessoal dali já está acostumado. Antigamen-

te eles achavam um absurdo. Hoje eles abriram comércio para ganhar dinheiro, porque a Vila Mimosa foi para ali, né? Aquilo ali era morto antes da Vila”, diz Graça.

A baiana Mônica Sampaio, de 30 anos, é doméstica e mora nas proximidades da Vila Mimosa com a irmã. Ela veio morar no Rio há seis anos. O lugar onde vive é um grande galpão dividido em outras cinco casas, onde moram outras famílias. A doméstica diz que não sabia da existência da Vila. Conta que a primeira vez em que tomou conhecimento da fama do local estava com a cunhada a caminho da casa de uma amiga.

“Para chegar lá, a gente teve que passar pela Vila. Quando ia andando, eu via as mulheres peladas na frente da rua. Aí, eu me perguntei o que era aquilo. Nem sabia o que era *zona* quando cheguei. Lá na Bahia isso tem outro nome...”, observa.

VICTOR BARROCO



Mônica já está acostumada com o lugar. O maior problema, segundo a doméstica, é quando ela e a irmã são confundidas com prostitutas. “Um dia eu estava indo para a igreja quando veio um senhor de moto. Ele passou por mim, depois voltou perguntou o preço. Eu disse que estava indo para a igreja e ele pediu desculpas e foi embora”, lembra a irmã de Mônica, Cristina.

Outro problema enfrentado é a violência. Mônica revela que toda semana de duas a três pessoas eram assassinadas por causa de confusões iniciadas dentro dos prostíbulos. “Houve mortes na rua e até dentro de carro. Já mataram também à luz do dia, por volta das 15h. Mas isso parou, porque agora a associação de moradores estipulou uma multa para quem mata”, conta. “Quando a gente está no ônibus e fala que vai descer na Praça da Bandeira, todo mundo já *malda* logo. Pensa que é lá de dentro e não que se trata uma pessoa direita, que não tem condição de morar em outro lugar. Se eu pudesse, mudava”, diz a moça.

Renato Soares, 24 anos, já foi ao local fazer uma reportagem para a faculdade. Ele foi xingado e quase agredido quando chegou à Vila Mimosa com uma filmadora. “O local é como se fosse um mundo particular. Quando alguém chega com alguma câmera fotográfica ou filmadora, eles ficam com medo, não sabem o que vai acontecer”, analisa.



---

***“O lugar é freqüentado por pessoas de todas as classes sociais, todas as idades. Você vê de tudo, literalmente tudo”***

***“Aqui é um comércio também, né? Vendem de tudo: bebida, roupa e não só a prostituição”***

***“Mônica já está acostumada com o lugar. O maior problema, segundo a doméstica, é quando ela e a irmã são confundidas com prostitutas”***

---

## Um breve histórico

Localizado na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira, Zona Norte da cidade, a Vila Mimosa é o reduto de prostituição mais antigo do país. Sua origem vem do Primeiro Império. Os portugueses teriam importado para o bairro do Estácio, no Centro, polonesas e francesas a fim de atender às necessidades sexuais da Corte. Com a libertação dos escravos e a falta de empregos, no entanto, o lugar foi mudando seu perfil. Deixou de saciar os instintos mais primitivos da nobreza para suprir os desejos ocultos do povo trabalhador. Especula-se que, na

época, o lugar abrigava cerca de oito mil prostitutas e ocupava em torno de dez ruas.

A Vila começou a diminuir quando o prefeito Pereira Passos iniciou seu projeto de modernização da cidade, no início do século passado. A partir daí, uma série de outros acontecimentos foram colaborando para que a Vila mudasse definitivamente de lugar: as transformações sanitárias promovidas por Oswaldo Cruz e a construção do Metrô, do teleporto e da sede do Governo municipal. Não é à toa que os dois prédios da Prefeitura ali construídos foram

apelidados carinhosamente de “piranhão” e “cafetão”. Entre as personalidades conhecidas que transitavam por lá estão o pintor Di Cavalcanti e o músico Cartola. A transferência da Vila foi obtida mediante uma indenização dada pela Prefeitura no valor de aproximadamente 300 mil reais. No entanto, há quem diga que o dinheiro foi roubado pela antiga presidente da associação de moradores. Apesar do desvio, cafetinas e prostitutas conseguiram arrecadar 100 mil reais e compraram o galpão na Praça da Bandeira, onde permanecem até hoje.